



Marilusa

Moreira

Vasconcellos

Salomé

pelo espírito Tomás Antônio Gonzaga



SALOMÉ

ROMANCE MEDIÚNICO

Marilusa Moreira Vasconcellos
TOMÁS ANTONIO GONZAGA.

Editorial Espírita Radhu Ltda.

R. Maria Oliano Gerassi -288-Moinho Velho
São Paulo-CEP-04284-060
Fon/fax(0xx11)274-3818- CGC 54456215/0001-40
e mail: radhu@terra.com.br
[http: www.radhu.com.br](http://www.radhu.com.br)

CATALOGAÇÃO DA EDITORA

Vasconcellos, Marilusa Moreira

Salomé- romance mediúnico

Marilusa Moreira Vasconcellos- ditado p/ Tomás Antônio Gonzaga

Casos Paranormais - romance-2000

Psicografia- Gonzaga, Tomás Antônio(1744-1810)

II Título

TAG-MMV- 1744-1942

2003

Índices para catálogo sistemático

Escritos psicográficos- Espiritismo

Relatos históricos- Literatura brasileira

Romances mediúnicos- Espiritismo

Os Direitos Autorais desta edição foram cedidos à
Cidade do Alvorecer do Milênio- S. Paulo

Todos os direitos reservados a

Editorial Espírita Radhu Ltda

R. Maria Oliano Gerassi- 288

Moinho Velho- S. Paulo CEP- 04284-065

Email: radhu@terra.com.br

<http://www.radhu.com.br>

ÍNDICE

PALAVRAS DO AUTOR

PALAVRAS INICIAIS

CAPITULO I - AGULHAS

CAPITULO II - GESTAÇÃO DIFÍCIL

CAPITULO III - BUSCA MILENAR

CAPITULO IV - MEXENDO EM ARQUIVOS

CAPITULO V- O RAPTO

CAPITULO VI - DESEQUILIBRIO E PERSEGUIÇÃO

CAPITULO VII - ASSASSINATO E SUICIDIO

CAPITULO VIII - MAGIA NEGRA

CAPITULO IX - REVELAÇÃO AO OBSESSOR

CAPITULO X - DIA SEGUINTE - SOLUÇÃO

CAPITULO XI - FECHAMENTO

PALAVRAS DO AUTOR

Querido amigo e irmão,
Que a paz de Jesus esteja em nossos corações

Sempre consideramos o trabalho de desobsessão, a maior caridade que se pode exercer no nosso dia adia.

Isto porque, quaisquer que sejam as condições que se apresentem, o auxílio a encarnados e desencarnados, minimizando-lhes o sofrer, encaminhando-os ao aprendizado eterno, é algo sem preço, incalculável pelos benefícios que traz.

Não desdouramos as mãos fraternas que levam alimento, agasalho e instrução a quantos estejam necessitados, mas o trabalho espiritual levanta o caído, direciona o faminto e o ignorante, e liberta os seres, elevando-lhes a condição de vida, aqui na Terra, seja no plano físico, seja no plano espiritual.

Mas, infelizmente, contamos com poucos colaboradores na tarefa de desobsessão, encontrando mesmo nas lides espíritas que temem ou se negam a laborar neste campo sáfaro, informando que isto não é mais necessário.

Justamente nesta fase de transição, onde se assistem a tantos crimes, em todos os campos de atividades humanas, deste os governantes, com o poder nas mãos, até os banqueiros, que manipulam multidões, aos pesquisadores, perseguidos até a morte, aos cientistas e aos estudiosos em geral, aos idealistas de todos os setores, aos velhos, na maioria das vezes abandonados, aos jovens desencaminhados pelos poderosos, através da lavagem cerebral, ou das drogas, da desesperança e da violência, que imperam em todos os setores, dos religiosos, afastados de seus ideais, aos políticos chafurdados na corrupção e na mentira, e nos diversos segmentos da sociedade, como um todo,, os prontos socorros espirituais rareiam.

Por isto, resolvemos contar nossas experiências e da medianeira que nos tem atendido ao apelo, com a esperança que isto sirva de incentivo e aprendizado ao maior número dos companheiros que se debrucem sobre estas anotações.

Iniciamos com a história que redundou no livro Cidade das Trevas,
Que nos trouxe de retorno as vidas passadas em longínquos tempos,
e vai continuar, se Deus o permitir em outros livros que nos assinalem a

presença, de algum modo.

Estas nossas intervenções se mostraram proveitosas a quantos participaram delas, e algum modo, na solução dos problemas que os afligiam ou nos quais eles eram os artífices e mandantes.

Queremos que seus benefícios se estendam a todos aqueles que se mostrem capacitados de entender-lhes os mecanismos de ação, e a intervenção que podemos exercer, mercê da bondade de Deus.

Em meio a uma multidão necessitada e louca, podemos criar um oásis de paz e entendimento.

Então façamos nossa parte, e o Senhor da Vida e da Morte responderá a isto.

Que Jesus te abençoe.

TOMÁS.

PALAVRAS INICIAIS

Queridos irmãos,

Jesus nos ampare a caminhada, em todos os momentos.

Trabalhei na Evangelização Infantil, no teatro espírita, como expositora, como médium psicofônica e psicografia, bem como no desdobramento, no passe e na psicometria, vidência, audiência, na psicopictografia,, em artigos e na literatura espírita, em artigos, palestras, durante 40 anos no Lar do Amor Cristão, 20 anos na Casa do Caminho, 13 anos na Casa Branca do Caminho, 7 anos na Biblioteca Circulante Espírita, 7 anos no Núcleo de Recreação Infantil Microcólus, 7 anos no Lar espírita Francisco de Assis, e oito anos no Grupo Espírita Bezerra de Menezes, tendo fundado e dirigido a Editorial Espírita Radhu Ltda, por 30 anos.

Participei de dezenas de Bienais Internacionais, Feiras de Livro, de cursos, palestras, seminários, Fóruns, Congressos Espíritas no Brasil e no Mundo, me apresentado em programas televisivos e de rádio, procurando levar nossas experiências na assistência social, nos cursos, na Evangelização Infantil e na área mediúnica.

O trabalho de desobsessão, levado a efeito durante décadas em 3 casas espíritas nos alicerçaram a certeza da necessidade desta tarefa, e da quase inexistência dela, no meio espírita.

Por isto foi com satisfação, apesar da falta de tempo de levar a efeito todo o amplo roteiro que Dr. Tomás me propôs, que estamos levando a frente este projeto dele e dos Irmãos Maiores que nos direcionam.

Se isto for útil a quem trabalha na área, ou ao menos sirva de elucidação a quem tomar conhecimento, já me darei por feliz.

Deste modo, desejo-lhe muito proveito na leitura, e sucesso em suas nobres atribuições.

Abraços,

Jesus nos conduza,

Marilusa

CAPITULO I - AGULHAS

As dores eram estranhas. Era como se agulhas rasgassem a carne internamente. Salomé não sabia o que fazer.

Como se não bastasse todas as amarguras que seu coração juvenil vinha sofrendo. Não desejava acordar sua mãe, mas era algo que não aguentava mais suportar.

Por que a vida tinha que ser tão cruel com ela?

Sempre fora amada e protegida pelos pais adotivos. A infância não lhe negava lembranças felizes. Carinho, alegria, incentivo em todos os momentos. Nada lhe trazia à mente a mais leve denúncia de sofrimento.

Contudo, as noites eram povoadas de gritos e acusações. Episódios estranhos e obscuros vigiavam e invadiam os momentos de repouso.

—Assassina! Assassina! Não terás trégua!

Acordava assustada, sem registrar conscientemente as vozes ferinas e dramáticas.

Salomé sempre fora uma criança simples e obstinada.

O rosto redondo, os cabelos anelados, tez clara, boca pequena, nariz levemente achatado, olhos rasgados e castanhos. Era robusta e sonhadora.

Enchia páginas de seus cadernos com arabescos e riscos estranhos, caracteres e palavras, que recordavam os ideogramas chineses e japoneses.

De outras vezes, aqueles traços se transformavam em palavras semelhantes as da civilização germânica mais antiga.

Como explicar aqueles esboços espontâneos, de palavras que lhe vinham pela escrita, em meio às lições escolares?

Desenhos repetidos também eram feitos manualmente.

Que compulsão interior ou exterior lhe manejavam as mãos naqueles instantes? Grafados no papel, ficavam as imagens de uma mulher de longos cabelos, aparentemente nórdica, cabelos e olhos claros, rosto fino e delicado, uma coroa estranha, parecendo ser de metal pesado e com várias pontas sobre ela, e um homem de barbas e bigodes negros e espessos, com uma coroa similar à da mulher. Entre os dois rostos, que traziam marcas estranhas nas faces, e que estavam cobertas pelas lágrimas abundantes, Salomé desenhava invariavelmente um túmulo, e sobre ele

uma cruz, paisagens, traços. Imagens fugidias completavam os desenhos estranhos, densos, marcantes e repetitivos.

Apesar do sorriso triste, da época turbulenta e sonhadora dos dezesseis anos, a jovem trazia um semblante enigmático, como se forças turbulentas a dirigissem, como se segredos tenebrosos movimentassem o amálgama de sua alma milenar, como se gestos inesperados estivessem à espreita, para surgir através dela.

—Mãezinha, não posso mais suportar. Há alguma coisa aqui dentro que dói muito!

—Acalme-se, querida. Buscaremos ainda hoje um médico. - falou a progenitora apreensiva.

Como Leonor amava aquela menina! Tinha-a por filha, desde pequeninha. Ocultara de todos, durante muitos anos, a adoção que fizera. Para seu coração amoroso, Salomé era a filha que os céus lhe destinaram. Ser iluminado de tantas jornadas, na simplicidade de seu lar, junto ao esposo adorado, a pequenina criança viera coroar-lhe os sonhos maternos, que o corpo físico impedia de realizar. Ocultara da filha sua origem e acreditara que jamais ela descobriria que não era sua filha carnal, por que o que importava, é que ela era sua filha do coração, era filha de sua escolha.

E como sofria por ela, Deus! Cada vez que a via com os olhos abertos, perdidos no vácuo a murmurar palavras desconexas, como se mergulhasse num mundo de terror, estremecia por dentro. Queria com seus beijos e carinhos tomar para si toda aquela angústia, todo aquele pavor. Quisera sempre protegê-la do sofrimento. Sentia-a frágil e necessitada e as fibras mais íntimas de sua alma sofriam o impacto das dores da juvenzinha.

Recordava-se do dia em que ela em desespero lhe cobrara a verdade. Que criatura lhe referira o episódio de seu nascimento? Quem poderia sentir prazer em fragilizar uma adolescente, contando que fora adotada? Sim. Por que não podia acreditar que haviam contado a Salomé que era uma criança adotada, sem nenhum objetivo e senso.

E como se culpava por não haver lhe contado desde o princípio a respeito. Era como se fosse uma criminosa, agindo às escuras. Mas não era assim. Tudo o que desejara era que a filha não sofresse, não se sentisse rejeitada e a visse como sua mãe. Agora que as coisas haviam se aquietado um pouco, acreditava que a jovem a visse como sua mãe!

No entanto, ainda se lembrava do rosto banhado em lágrimas, das palavras entrecortadas, da expressão de mágoa e susto.

—Então, quem é minha mãe? Por que ela me abandonou? Por que ela não me quis?

—Filhinha, não é assim. Se ela não a quisesse, não a teria deixado nascer. Às vezes Deus precisa de duas mulheres para dar a vida e cuidar de um bebê. Sou muito grata à sua mãe biológica. Ela a deu a mim. Você também deve ser grata à vida que ela lhe deu, ao seu corpo físico, a tudo o que você é e tem, como herança dela, e de seu pai, minha querida.

Salomé se trancara no quarto. Ensimesmara-se. Não tinha amigos em quem confiar, e passou a desabafar suas dores com um jovem, de nome Ramiro.

Confidências ingênuas, mágoas pesadas demais para a idade em que os sonhos são tão gigantescos.

—Ela não é minha mãe! Ela não me ama, nem minha mãe me amou.

Ramiro a aconchegava junto ao coração, a beijava, a acalmava.

Da amizade ao namoro, da carência afetiva inesperada, às primeiras carícias, até que Salomé, rompendo a natural resistência, se lhe entregou.

Para seu coração juvenil, parecia que o mal fugira de repente. Alguém a amava, a entendia, apesar de se sentir tão massacrada, apesar de todos a rejeitarem, segundo sua maneira magoada de sentir, ela agora se sentia especial.

A juvenzinha inexperiente se deixou levar pelos arrebatamentos e promessas daquele primeiro amor, tão inesperado, tão apaixonante, tão querido. Alguém a amava, apesar de se sentir tão acuada, de se sentir rejeitada.

Confundia e fragilizava sua alma. Via a adoção como algo que a inferiorizava. Fugia inconscientemente à proteção familiar, rebelando-se e quebrando as regras sociais, para apaziguar sua dor insuportável.

Um orgulho antigo de seu espírito, ferido nos seus preconceitos milenares, direcionava suas escolhas, aproveitando a fragilidade e a infantilidade mesmo de sua experiência terrena.

Frente à mesma situação, muitos filhos adotivos agem de forma diferente, apegando-se ao lar e vivenciando a realidade com total entendimento e adequação às contingências reencarnatórias.

A dor de Salomé, contudo, fora tão grande, que ela se entregara à primeira ilusão de amor, buscando conforto, alívio.

O resultado desta imaturidade não se fez esperar. Em pouco tempo, muito pouco tempo, Salomé descobriu que estava grávida.

Após o susto veio a tentativa de apoio do namorado:

— Grávida, Salomé?

A cara de espanto e temor não se apagou de sua memória.

— Como? Você não tomou os cuidados necessários?

Cuidados necessários? Que cuidados? O que sabia ela, senão que o amava, que precisava dele?

Não era ele o ombro onde ela chorava suas desditas? Não era ele seu amor, seu grande amor? Que cuidados teria que ter, frente alguém em quem confiava tanto e tão cegamente? Agora que estavam tão unidos, não era certo que se casariam? Falariam com seus pais e eles os ajudariam a começar uma vida nova. Tantos casais haviam iniciado assim seus relacionamentos.

— Casar, Salomé? Eu sou muito novo. Vivo às custas de meus pais. Quando meu pai souber vai me esfolar vivo!

— Esfolar vivo, porque? Aconteceu. Vou ter que contar aos meus pais.

— Olha, Salomé, não tem um jeito de nos livrarmos disto?

Ramiro rejeitava a criança, o bebê de ambos. Ramiro a rejeitava também. Era muito. Ela não podia suportar esta dor de novo.

Enquanto o rapaz se afastava, prometendo pensar, ela imaginou o que esta criança poderia trazer aos seus pais, a si mesma.

— Vergonha! - foi a primeira resposta que encontrou.

Chegou à casa como se carregasse toneladas de pedras às costas.

Leonor solícita facilitava a confissão, prometera-lhe que falaria à família do moço, no sentido de assumirem aquela criança.

— Minha filha, não fique deste modo. Veja que Deus te abençoa com um filho e tudo ficará bem. Logo este bebê estará entre nós e nos causará muita alegria.

Afinal, Salomé realizava algo que ela sempre desejara sem conseguir, ela concebera uma criança, que se desenvolvia dentro de seu ventre!

Salomé, contudo, desde que soubera que estava grávida, entrara em profunda depressão. A ideia da morte, a ideia do suicídio a atormentava dia e noite, noite e dia.

Era como se uma voz imperiosa ordenasse:

—Mate-se! Livre-se da dor! Mate-se!

Ela não se dava conta da intervenção espiritual, que a envolvia mais e mais e que chegara a ela junto daquela criança.

Ela não se dava conta daquele envolvimento estranho, mas o espírito lhe sugava as energias, mutilava cada pensamento de esperança e alegria e a subjugava devagarzinho com pensamentos cada vez mais depressivos, mais pessimistas, mais negros e desencontrados.

—Você é uma vergonha ambulante. Seu corpo está cada vez mais deformado. Suas amigas riem de você e seu namorado nunca a amou. Você é uma vergonha para seus pais, nunca ninguém a amará, a começar por sua mãe, que a jogou no mundo e nunca mais quis saber de você. Você é digna de lástima, de pena, de desprezo. Por que não se mata de uma vez? Mostre a Deus que não está satisfeita com a vida que vem levando. Já que Deus lhe deu tão mau destino, mate-se, criatura. Livre-se de todos os problemas, mate-se!

Salomé não registrava a presença estranha e violenta, nem sua mãe.

A gestação ocorreu de forma tumultuada, pois mãe e filha tentaram dialogar com a família do rapaz, falar-lhes da beleza que representava esta nova vida que germinara e que teria sua trajetória no mundo.

De nada, contudo, valeram as conversas havidas.

A mãe do rapaz argumentava que Salomé estava querendo dar o golpe da gravidez, que fizera de propósito tudo aquilo, com a finalidade de arranjar alguém que se responsabilizasse por ela, alguém que a cuidasse, que passasse a dar-lhe meios de subsistência.

A criança, neste caso, era apenas um instrumento de coerção, um meio de vida, uma maneira de ganhar a vida sem ter que trabalhar.

A humilhação era terrível. O rapaz sugeria que se fizesse um aborto, a fim de se ver livre do filho indesejado.

As discussões acabaram de forma acalorada, com acusações acres por parte da jovem, que se sentira seduzida e abandonada, e que a partir daquele momento, começou a ver a mãe adotiva como alguém com quem realmente podia contar, a única pessoa que parecia amá-la sem qualquer restrição.

Com muito sacrifício Leonor e o mundo espiritual, com vários amigos do Outro Lado, se cotizaram no trato da jovem grávida, para que não desse cabo da vida.

Muitas vezes ela se sentia sem forças para reagir ao envolvimento que a levava ao autocídio.

Criaturas amorosas se cotizavam ao seu lado e alertavam a mãe a cada movimento perigoso.

Salomé trazia embutido em seu âmago uma violência inaudita, que não transparecia nos movimentos calmos e lentos, nas palavras meigas, ditas de forma quase infantil, com um sorriso juvenil, maroto e convincente.

Em ebulição seu ser às vezes se debatia em pensamentos tão destrutivos que, olhando-a aparentemente tão calma e submissa, ninguém poderia imaginar o mundo em efervescência que existia dentro dela. Ela mesma não conseguia perceber o que ocorria, dentro do amálgama de emoções desencontradas, no meio dos conhecidos e das colegas de colégio, percebendo a aversão de uns, o preconceito de outros e a falsa comiseração da maioria para com seu estado de gravidez.

Se não fosse pela presença constante ao seu lado de uma figura maternal que se desdobrava, para minimizar os efeitos da presença do terrível ser que se aproximara dela, desde que concebera aquele filho, e da mãezinha Leonor, que mais parecia um anjo reencarnado na terra, para protegê-la do mal, Salomé não teria levado a termo aquela gestação.

Muitas foram as noites povoadas com pesadelos, que ocorriam sempre em noites escuras, em locais que desconhecia quando em vigília, em calabouços pesados, feitos de pedras e úmidos e com um cheiro característico.

Via-se em situações de extrema agressividade para com um menino lindo e apavorado, indefeso e frágil.

Via-se em tamanha ferocidade para com a criança e outras pessoas que não conhecia, que acordava como que estranhando o próprio local onde se encontrava, misturando sonhos e imagens que pareciam emergir do inconsciente.

¾ Me deixem! Me deixem! Não quero saber de nada. Não tenho nada a ver com isto.

O médico e a mãezinha argumentavam que os pesadelos eram naturais, devido ao extremo sentimento de rejeição e de preocupação que se apossara dela, tão jovem e inexperiente, e que teria, dali para frente a responsabilidade da vida de um novo ser.

—Salomé, minha filha, eu sei que esta gestação é um peso demasiado para você, que é tão jovem ainda, e mais, porque não tem o amparo de seu namorado, mas pense que Deus lhe conferiu uma oportunidade maravilhosa, ele confia em sua capacidade de ser mãe, senão não lhe teria dado este bebê.

—Eu sei, minha mãe, mas você diz isto só porque não pode gerar uma criança, e também por que tem o apoio de meu pai. Queria ver a senhora sozinha, como eu estou, rechaçada e escorraçada da vida de quem eu achei que fosse meu amor. Ninguém nunca me quer, me usam e jogam fora, como se eu fosse lixo, como se eu fosse descartável.

E as lembranças das ameaças havidas entre ela e a mãe de Ramiro lhe vinham à mente de uma forma até ampliada pela mágoa.

—Você viu. Ela jurou de matar, me desgraçar de algum modo. A senhora sabe que aquela gente é má. Querem que eu tire a criança, afirmam que este filho é um modo de vida, me chamam pelos nomes mais baixos e vis que já vi na vida. Minhas amigas se afastam de mim, como se tivesse moléstia contagiosa, as mães delas me olham como se eu fosse um mau exemplo para elas. Meus professores me tratam com descaso...

—Minha filha, não fique assim. Nós te amamos e esta criança é muito bem vinda. Você terá todo o apoio que precisa e vai ser feliz. Você é ainda muito nova, minha querida. Pense em coisas mais positivas, pense na carinha que vai ter esta criança, como vai ser linda, como você vai amá-la, como vai ser bom tê-la em casa, enchendo-nos de alegria e orgulho sadio, satisfação.

O sorriso bom de sua mãe a acalmava um pouco, mas logo tomava os cadernos juvenis, para grafá-los com aqueles estranhos caracteres, ora semelhantes aos ideogramas chineses e japoneses, ora à fala dos antigos ambrões, ou nórdicos. Depois sistematicamente desenhava o túmulo, com a cruz encimada, mato ao redor e no alto da página, de cada lado o rosto da mulher, cheia de cicatrizes e de lágrimas, encimada com a pesada coroa de metal e do outro lado a figura do homem de barbas escuras e bigodes, também com uma coroa em tudo semelhante a primeira e também com cicatrizes e cortes no rosto.

No canto escrevia uma frase, mas as letras eram colocadas de tal forma que terminavam por apresentar-se como um rabisco desconexo e sem explicação.

Acabava por chorar tanto que dormia exausta, com aquelas confabulações estranhas de sua alma atribulada e infeliz.

No Mundo Espiritual as lutas não se faziam menores.

Entidades amigas se cotizavam no amparo à futura mãezinha, e o aparente algoz, terrível e determinado sentia prazer em acicatar mãe e filha, pois encontrara a jovem através da concepção daquela criança, cujo espírito ele odiava também.

Por outro lado, as desavenças havidas entre as duas famílias que poderiam se ligar por amor àquela criança, criara tal animosidade que qualquer acontecimento desagradável era tido à conta da intervenção dos outros de algum modo.

Foi dessa forma que a família de Ramiro foi procurar pessoas, que pudessem ampará-la de qualquer ataque da juvenzinha e de sua família a eles.

E, como sempre existem pessoas que, diante da fragilidade alheia, agem de forma a ganhar alguma coisa, principalmente em bens pecuniários, a mãe de Ramiro, levada por uma amiga foi ter num dos maiores e piores antros de magia negra, que existia próximo à cidade litorânea onde tais acontecimentos se davam.

Debalde os mensageiros da Vida Maior se cotizaram, tentando evitar aqueles novos comprometimentos. As dívidas passadas de Salomé e da criança que nasceria, obrigavam uma colheita triste, na cobrança do passado.

CAPITULO II - GESTAÇÃO DIFÍCIL

Muitas foram as vezes, durante o período de gestação, que Salomé pensou em dar cabo da existência.

Raciocinava de forma fixa e doída, com relação a própria origem. Por mais que se visse sempre cercada de proteção e carinho, por mais que as lembranças infantis lhe demonstrassem todo o amor com o qual fora cercada e criada, a depressão a tomava de assalto. Como se não bastasse a fragilidade e a emotividade que sempre acompanham os momentos da gestação, em que o corpo se transforma e a então quase menina se vê as voltas com a estranheza da própria condição, o dia a dia lhe impunha aborrecimentos inesperados.

Quando estava na escola, coleguinhas que antes a cercavam de atenção em camaradagem gostosa, típicas da idade, se afastavam dela, cochichavam, ou faziam comentários desairosos sobre sua nova aparência, perguntado sobre o que sentia por estar para ser mãe, sem o amparo do namorado.

Outras vezes vinham referir-lhe notícias sobre um novo namoro do rapaz ou o que tinham ouvido se dizia a seu respeito pelas costas.

Nestes momentos, uma dor muito profunda se entranhava nela e, envolta por esta dor, não conseguia ver mais nada, não raciocinava direito, não pensava nos pais, na criança ou até em si mesma, buscando forças para passar por aqueles momentos que logo passariam, dando vez às realidades da vida, com seu rol de mudanças.

Ensimesmava-se, entrava em colapso de esperança, sem ânimo para nada e a ideia da morte vinha forte como nunca, espreitando-a onde estivesse, mostrando-se como solução única para si e para aquele filho indesejado pela família de Ramiro.

—Morro e pronto. Acabo logo de vez com tudo isto. Não haverá filho, nem neto, nem nada. Vou-me embora deste mundo, onde nunca fui desejada. Ramiro ficará com remorso, pensando naquilo que fiz. Meus pais acabarão esquecendo. São bons. Deus os protegerá. Eu nunca deveria ter nascido, porque nunca fui desejada. Minha mãe não quis saber de mim, melhor seria que eu não houvesse nascido mesmo.

Pensava em tomar algum remédio que a fizesse dormir para nunca mais acordar. Ou quem sabe melhor seria que cortasse os pulsos, a fim de

esvair-se em sangue, perdendo aos poucos a consciência, e sem jeito para socorro.

Nestes instantes de quase delírio, em que o desequilíbrio emocional se impunha, causando tanto constrangimento e tanta revolta, Salomé pensava que sucumbiria à própria força do pensar em se matar, pois o fazia com tal paixão, que nada nem ninguém poderia imaginar, que arroubos de pensamentos, que desencontrada paixão ferviam dentro dela.

Quantas vezes o espírito maternal que a vigiava e a seguia todo o tempo, precisou usar todos os recursos para evitar uma tragédia maior.

Ora buscava a mãe adotiva, a ver se ela conseguia tirar Salomé daquele vórtice de sofrimento, vergonha e desesperança, de outras, buscava alguém a fortalecer-lhe o ego derruído. Mensagens, músicas, cartas, artigos de revistas, encontros melhores, tudo era planejado no sentido de retirar a juvenzinha do cipoal em que se enredara.

A Espiritualidade Maior percebia os desvios no comportamento da jovem futura mãe, com profunda apreensão, devido as malhas intrincadas que regiam aqueles destinos conturbados pela cobrança do antanho e a programação do presente.

Ninguém pode imaginar de quantas horas loucas foram feitos aqueles nove meses e quanta trabalhadeira causou em ambos os planos da vida, para a chegada do pequeno bebê, cheio de viço e graciosidade, na singeleza de sua presença frágil e faceira, cheio de viço e de graça.

O pequeno Júlio trouxe à Salomé um pouco mais do que ela pretendia dar-lhe, trouxe-lhe não apenas a responsabilidade de ser mãe, de gerar e colocar no mundo um pequenino ser, mas a alegria de sabê-lo ali, perfeito, todo seu, como um presente de Deus após tanta tristeza.

Contudo, apesar da alegria, a mágoa de saber-se adotada não a abandonara de todo, nem as ideias loucas de dar cabo da própria vida. Tendo tentado chegar-se novamente a Ramiro e tendo acalentado, durante a gestação a ideia de que ele, vendo o filhinho, haveria de mudar sua atitude, mas nada conseguindo, novamente a moça entrou num desespero fruto de mágoa e revolta.

Isto ocorre tantas vezes com as pessoas. Sempre imaginamos um mundo de fatos e feitos, de ações em que as pessoas concordam conosco, nos apreciam, nos amparam, e quando vemos que tudo é diferente de nosso querer, de nosso pensar, de nossa mentira de sentir e ser, então deixamo-nos levar pela revolta. Um simples meditar, nos levaria a saber

que as pessoas são diferentes umas das outras, que pensam de forma diferente, que têm sensações e atitudes totalmente díspares, e que não podemos basear a nossa felicidade no sentimento alheio, em razão disto, como disse Emmanuel pela pena de Chico Xavier, “uma alma é sempre uma incógnita para outra alma, em razão disto não nos será lícito basearmos a nossa felicidade no sentimento alheio. ”

Fora logo após o nascimento de seu filho, que as agulhas começaram a aparecer em seu corpo, levando o médico que a assistia a ter que fazer cirurgias dolorosas com o fito de retirá-las.

Fora protegida somente durante a gestação. Os fenômenos terríveis começaram a ocorrer após algum tempo do nascimento de Julinho, que nunca teve o reconhecimento paterno. Como sentia mágoa e revolta com a atitude do rapaz, o antigo namorado, pai de seu filho, Ramiro.

CAPITULO III - BUSCA MILENAR

Quando seu menino nasceu, sua mãezinha a cobriu de tanto carinho, que Salomé foi modificando sua atitude de sofrimento, para gratidão a Deus pela família que a acolhera, e também pela alegria do nascimento de seu filho.

O pequeno Julinho era encantador, uma criança saudável, linda, de olhos vivos e cheia de graça. Era evidente que aquele menino viera para acrescentar à sua vida algo novo, algo que ela parecia esperar de longa data.

Apesar de até acreditar que o nascimento do bebê trouxesse Ramiro à nova reflexão, Salomé e sua mãe logo se desiludiram daquela esperança. O rapaz negou-se a conhecer seu filho, deu a entender mesmo que duvidava de sua paternidade, humilhando a jovem e sua família, com insinuações infundadas.

—Minha filha, esquece este moço. Ele não é nada daquilo que aparentava, nem sua família tem a formação cristã. Eles nunca vão aceitar seu menino, mas ele não precisará disto. Ele terá todo nosso amor e serão eles os perdedores nesta situação, porque esta criança é uma benção de Deus. Dá para perceber o quanto ele é inteligente, pois já nos conhece, sabe bem o que quer, só falta falar, de tão esperto. E é bonito também, com estes olhos tão vivos, que só faltam falar, com esta boquinha tão encantadora, com este narizinho lindo, e a pele morena clara, os cabelinhos negros. Nem sei dizer o que é mais lindo nele. Sinto que vou amá-lo ainda mais que a você, que é minha princesinha.

Salomé, ouvindo e vendo a atitude calma e amorosa de sua mãe, abandonava a antiga disposição para o suicídio, o que levou a entidade que a perseguia a desesperar-se.

Tratou logo de buscar ajuda para dar cabo de seu tentame sinistro, e, através de meios estranhos e inesperados, envolveu de tal sorte a jovem, que ela novamente entrou em depressão, apesar do bebê lindo que ganhara.

As palavras más da família de seu antigo namorado, que chegavam aos seus ouvidos, levadas por línguas viperinas e desavisadas, o envolvimento cada vez mais cruel e firme, os pensamentos absurdamente desencontrados e desesperantes, a fizeram mergulhar em pouco tempo numa desesperação incrível, e, como consequência, tratou

de arrumar remédios calmantes, que, em dose superior a permitida, a levariam à morte.

Felizmente, a mãezinha, atenta às mudanças de humor da filha querida, pode suster este gesto tresloucado e ficou de sobreaviso contra novas tentativas, tendo levado ao médico da jovem as notícias daquela recaída difícil.

Vendo que não conseguiria seu intento através da medicação indevida, Salomé teve um dia um rompante inesperado.

Tratou de cortar os pulsos, numa violência incrível contra si mesma.

A Espiritualidade, contudo, tratou de avisar a mãezinha que, premida por súbito mal estar, que lhe constrangeu a alma num estranho estado de desespero, buscou a filha adotiva e a encontrou banhada em sangue, tendo conseguido, mercê de providências rápidas, internar a jovem mãe, impedindo-lhe o decesso.

Sua intervenção encheu de ódio o espírito que perseguia Salomé, que se desesperou não conseguindo seu intento, primeiramente durante a gestação, pois desejava a morte daquele menino, Júlio, e depois, no tentame de causar a morte da jovem mãezinha, Salomé.

Esperou que ela tivesse alta do hospital, e, lutando contra o amparo do profissional que cuidava dela, e do grupo de apoio, conseguiu finalmente colocar no corpo da jovem mãe, agulhas que apareciam como por encanto, causando-lhe dores incriveis.

O médico, chamado a intervir, tirava raios-X do local onde a dor se manifestava, admirando-se por destacar neles a presença de agulhas pequenas, as quais ele era obrigado a retirar, usando intervenções cirúrgicas mais ou menos delicadas, em várias regiões do corpo.

Foi neste momento que fomos chamados a intervir, através da médium com a qual trabalhávamos.

O Dr. Sílvio a procurou, junto com a mãe e a jovem, pedindo que ela buscasse com os espíritos uma explicação para o que vinha ocorrendo.

Tão logo foi apresentada a jovem Salomé, nossa medianeira tomou suas mãos nas suas e olhando-a firme nos olhos, sem que qualquer uma daquelas pessoas lhe houvesse referido nada, perguntou-lhe de chofre:

—Você correu sério risco de vida, não foi?

Apesar da pergunta direta, a jovem fugiu a uma resposta, dizendo:

—Não. Isto não aconteceu.

Mais incisivamente ainda, a médium insistiu:

—Você não tentou contra sua vida, há bem pouco tempo? Não é verdade que foi salva pela sua mãe e pelo seu médico, e não fora a intervenção deles não estaria hoje, aqui, deste modo, falando comigo?

A jovem teve um estremeção e sentiu-se obrigada a não ocultar o que ocorrera.

Lágrimas vieram-lhe aos olhos e ela os abaixou envergonhada, fugindo a uma confrontação.

Dr. Sílvio comentou o fato inusitado que estava ocorrendo e nossa medianeira solicitou que, no dia seguinte, lhe trouxessem as agulhas, bem como os desenhos e escritos que a jovem vinha fazendo, em debuxos, em cadernos.

—Dizem-me que os fatos que estão ocorrendo têm a ver com um passado longínquo, e que alguém procurou você, minha filha, há milênios, e agora a encontrou, e está tentando um ajuste de contas. Mas, como só devemos prestar contas a Deus de nossos atos, vamos ver se conseguimos encontrar a solução para este problema. Deus é amor e luz, não há de permitir que você, minha filha, continue sofrendo deste modo. Já lhe bastam os acontecimentos que têm ferido seu jovem coração. Sua mãezinha e seu médico são aliados importantes na sua cura, e seu menino é uma linda criança, a quem Deus há de proteger, porque já nasceu em meio a uma confusão, cheia de ressentimentos e mágoas.

Amanhã, pela manhã, estarei novamente aqui, no atendimento ao público, e esta noite procurarei me inteirar do que está gerando este problema. Já ouvira referir casos semelhantes aos seus, e sabemos, pela literatura a respeito, que este fenômeno envolve sempre um agente espiritual perturbador. Haveremos de encontrá-lo e conversar com ele, com a ajuda de Deus e saberemos como agir, com a ajuda espiritual de que dispomos, pela benção de Deus.

E, com a ajuda maior, você haverá de se livrar deste sofrimento. Por ora é só o que posso dizer, amanhã falaremos novamente. Ore muito, minha filha, peçamos a Deus que nos ajude a intervir, de forma a fazer o melhor por todos, e que Deus tenha pena de nós, não é mesmo? Frente à lei somos todos endividados, mas também somos herdeiros do Pai de Amores, e irmãos de Jesus e temos conosco inumeráveis amigos dedicados, que não nos abandonam. Você se livrará desta perseguição que deve ter incursões nos milênios. Sejamos fiéis em nossa postura, peçamos auxílio, oremos com confiança e tudo há de se solucionar.

Nossa medianeira, que chamaremos aqui apenas de Marília, percebeu que as pessoas que a buscavam esperavam uma receita feita que acabasse imediatamente com o problema, não a conheciam e não conseguiam confiar no que ela dizia, pois poderia lhes parecer palavras paliativas, sempre repetidas em todos os Centros Espíritas do país.

Mas nós sabíamos que aquele compromisso era sério e eu percebia, mais claramente do que ela, que teríamos um longo e difícil caminho pela frente.

Tratei, portanto, de acompanhar aquelas pessoas durante todo o dia, me inteirando, junto a equipe com a qual trabalhamos dos meandros daquele caso difícil, nos preparando para dar a sustentação necessária a Marília, quando ela se concentrasse, na tentativa de auxiliar aquelas pessoas.

Todo o dia transcorreu com mais gente que a buscava, com um desfile incessante de problemas, questões, envolvimento. A tudo ela atendia prestativamente, com prejuízo de seu tempo, de sua saúde, e de seu descanso, mas preocupada, sobretudo, em diminuir a dor alheia, em consolar, em aconselhar, em encaminhar e amparar os que a buscavam.

Aquela atitude lhe atraía inveja, desconsideração, exigências, e, por isto, nos desdobrávamos a amparar-lhe as atividades.

Às vezes, quando alguém se aproximava, pai João, um dos espíritos que a auxiliavam na desobsessão, avisava, sussurrando em seus ouvidos:

—Cuidado, filha, lá vem encrenca, lá vem cobra!

De outras vezes, lhe pedia paciência na abordagem do caso, pois havia coisas que não poderia referir, e mentiras que precisava ignorar.

Naquele mesmo dia, foi procurada por uma senhora, que havia perdido o filho em condições estranhas e dramáticas.

Enquanto a mulher lhe relatava sua separação do primeiro marido, o segundo relacionamento, e os três filhos que já tinha, Pai João a avisou:

—Filha, o segundo marido dela é alcoólatra, e matou a criança. Está correndo um processo.

Maria, interrompendo a mulher, falou incisiva:

—Está correndo um processo pela morte de seu menino? Ele era muito pequeno, não era?

E Marília começou a ver o pequeno garoto acuado em casa pela violência do padrasto, que lhe batia com terrível violência, na cabeça e nas costas. Viu-o depois saindo com o pequeno nos braços, colocá-lo no

banco de traz do carro e levá-lo ao local de trabalho daquela senhora, que estava à sua frente, e que era enfermeira.

Tratou de dizer que o menino caíra. A luz que envolvia a criança era linda, percebia-se que o garoto era um espírito muito elevado, e que, em casa, preferira estar diante da fúria de seu agressor, até para salvar os irmãos mais velhos da sanha daquele ser envolvido pelo álcool, e pelas más influências que atraía com suas atitudes covardes.

Como a mulher não respondesse a sua pergunta, Marília continuou:

—Você gosta muito de seu companheiro e acredita que ele não bateu em seu filho, mas está enganada. Ele foi o responsável pela morte do menino. Ele já chegou ao hospital sem vida.

—É verdade, ele já chegou sem vida, tentamos ressuscitá-lo, mas não conseguimos.

—Ele estava com traumatismo craniano e também com ruptura nos pulmões. Como você pode permitir que fizessem isto com ele? Esta criança era muito evoluída, preferiu dar sua vida por você, atraiu para si a maldade de seu companheiro, e você ainda pensa em voltar com ele? Quer que ele mate seus dois outros filhos? Você espera que eu lhe diga que deve voltar para ele, mas não direi, porque isto implica em risco para todos. Acorde, minha irmã. Pense no seu menino, que sua morte não seja em vão.

As cenas eram vívidas na retina espiritual da Marília e ela estava sob forte emoção, tendo assistido as agressões sofridas pela linda criança que estava ali presente, ainda preocupada com a vida de sua mãe e de seus irmãos.

A mulher não saía de frente de Marília. Não era aquilo que ela queria ouvir, desejava absolver seu marido e a si mesma.

—Não posso dizer o que deseja ouvir. Nada mais tenho a acrescentar. Se não consegue pensar em si mesma e no risco que corre, pense em seus dois outros filhos e naquele que morreu. Ele mesmo está aqui e lhe pede para continuar sua vida sem este homem em sua casa.

Os conflitos continuaram todo o dia desfilando diante de Marília e altas horas da noite ela se recolheu, com inúmeros casos e nomes anotados. Participava de um Congresso. Ninguém nenhum participante fazia ali o trabalho que ela estava fazendo. Ninguém se arriscava para auxiliar os necessitados, ninguém ali se expunha, agindo contra os interesses das trevas.

A noite ia alta, mas ela não se permitiu descansar. Após o banho orou sentidamente, sentada à cama e tomou a primeira anotação que fizera, o caso de Salomé, percebeu-me a presença e mentalmente chamou as equipes com as quais trabalhávamos.

Ela sabia que se as equipes viessem iniciaria a desobsessão de Salomé. Sem a presença dos amigos espirituais, nada poderia ser feito.

Tomou papel e caneta para anotar o que viesse a ver, pois acontecia às vezes de esquecer o que ocorrera, durante nossos trabalhos. Percebeu-me e sorriu, feliz com minha presença.

Iríamos mexer em arquivos milenares, para tentar ou conseguir impedir uma perseguição milenar.

CAPITULO IV - MEXENDO EM ARQUIVOS

A medianeira chamara nosso auxílio e concentrou-se, orando sentidamente, no tentame de auxiliar Salomé.

Aos poucos começou a sentir a presença difícil e ameaçadora de um homem, no quarto do hotel onde se abrigava.

As emanções de ódio do espírito a atingiam em cheio, fazendo-a sentir-se muito mal, com aquele ataque psíquico.

Pelos seus conhecimentos nas tarefas espirituais a que se atinha, sabia que precisava munir-se de muito amor e paciência, mas, sobretudo, seguir a orientação de seus mentores, para poder interferir da melhor forma no processo.

Procurou, portanto, manter a calma e a disposição em ajudar o espírito.

Aos poucos, com nossa ajuda, começou a ver-lhe a aparência. Era um homem ainda jovem e forte, mas estava com a fisionomia tão escura, que chegou a pensar que fosse um negro.

Trazia também o rosto muito marcado, como se lhe houvessem sulcado a face e cortado partes da carne, criando sulcos, reentrâncias, marcas e cicatrizes.

Marília pensou se aquelas marcas não seriam características de alguma civilização, de algum ritual em alguma época remota, em algum lugar da terra que ela não conseguia definir. Talvez a África, com seus mistérios.

Estava muito difícil entender quem era aquele ser que ela estava vendo, e quais seriam os motivos que ele julgava ter para sentir tanto ódio por Salomé e sua família, por seu filhinho, que ela ouvira referir como uma linda e encantadora criança.

Como que sintonizando seu pensamento a entidade gargalhou de forma sinistra, com os olhos muito penetrantes pousados nela, como se a quisesse hipnotizar:

—Não vai conseguir nada, para ajudar aquela mulherzinha! Você não tem conhecimento, nem pode fazer coisa alguma, para resolver esta questão.

Havia na voz do espírito sarcasmo, pouco caso, desprezo, por ela e pelo que ela estava tentando conseguir.

Marília percebeu e falou à entidade:

—Você tem razão. Para mim é quase impossível definir o que o atrai para Salomé, quais as razões que tem para prosseguir-la, e que recursos utiliza para lhe colocar no corpo as agulhas que a martirizam. Mas você pode me ensinar. Por exemplo, porque tem o rosto tão marcado? É algum tipo de ritual, alguma cultura ou religião, que você seguiu na África?

—Ora, ora, sua intrometida. Decifre, descubra o porquê das marcas em meu rosto e o que elas significam. Não é tão sabida e esperta?

—Posso até ser intrometida e lhe peço desculpas por isto, mas não descobrirei nada, sem seu auxílio.

—E porque eu deveria ajudá-la? - inquiriu com arrogância o espírito.

—Você não precisa ter medo de mim. Já percebeu que eu nada posso fazer, nem intervir no caso. Então, aproxime-se e me dê suas mãos.

—Para que? Isto é algum truque?

—Como um truque? Você já percebeu que eu não lhe ofereço nenhum perigo. Me toque. Permita que eu segure suas mãos. O que eu poderia fazer?

Na verdade, o que Marília pretendia era ao tocar a entidade, conectar o arquivo da mesma, tomar conhecimento das motivações que a envolviam.

A entidade riu novamente, com o maior desprezo pela medianeira. Estávamos atentos aos seus pensamentos e orientávamos Marília a como agir, naquele momento. Ela se sentia calma, tranquila e profundamente voltada na busca do conhecimento daquele ser, que se lhe mostrava tão marcado, tão ameaçador, tão terrível.

Viu que na escuridão do quarto o espírito caminhava para chegar mais perto dela, e embora ela estivesse sentada na cama e ele em pé, aproximou-se e estendeu-lhe as mãos também enegrecidas.

Marília segurou-as brandamente nas suas e começou a ver cenas muito antigas. Era como se ela houvesse acionado um mecanismo que projetasse em terceira dimensão os arquivos do espírito, cuja aparência agora ela percebia com clareza. Era um homem relativamente jovem, branco, cabelos, barbas e bigodes negros, olhos vivos, muito belo, encantador. Não lhe via marcas no rosto.

O espírito ao perceber-lhe a interação quis soltar-se, mas ela continuou a lhe segurar as mãos, dizendo-lhe:

—Tudo o que eu estiver vendo, você também verá. Não tem como fugir à própria história, ao seu registro. Não tem como mentir para mim, nem para você mesmo. Veremos juntos tudo o que se constitui da sua história. Veremos tudo o que aconteceu e acontece com você. Não tem porque temer.

No quarto as cenas se desenrolavam numa dimensão muito maior do que se fosse projetada numa tela de cinema, e era um teatro, com som, imagem, onde os personagens apareciam com uma nitidez espantosa.

Marília via um cenário muito antigo, semelhante a Idade Média, numa região que lembrava as terras atuais da Alemanha.

As roupas eram antigas, as mulheres usavam vestidos longos, caprichados, os homens, indumentárias elegante e antiga, condizente com uma posição social mais elevada, uma elite nobre.

Viam-se castelos de pedra, propriedades muradas, torres de atalaia, campos cultivados, onde servos trabalhavam de forma rudimentar, utilizando animais e carroças de tração. Os servos vestiam-se de forma mais pobre e rude, e trabalhavam muito, com uma vida um tanto sacrificada.

Marília via e a entidade um tanto perplexa com o que se passava, assistia as cenas que se desenrolavam ali.

Marília não tinha ideia do que lhe seria mostrado, nem qual seria o direcionamento do trabalho iniciado, e quanto tempo ele duraria, ou se conseguiria algo fazer naquele caso tão intrigante, com aquele ataque material tão agressivo, com as agulhas que apareciam no corpo da jovem e precisavam ser retiradas por cirurgia.

Compreendia que a entidade, cujas mãos segurava de forma firme e ao mesmo tempo branda, era a promotora dos eventos e que o que a movia era algo ocorrido há séculos, do outro lado do oceano.

Seus mentores direcionavam aquela incursão no passado.

Continuou vendo. Uma jovem, de destaque na sociedade rural local, se mostrava nos encontros sociais daquela região. Nas festividades e reuniões entre as famílias, ela se destacava pela expressão ativa de se portar, pela alegria jovial, por uma beleza um tanto rústica.

Via-a sendo bajulada e cercada pela atenção de alguns rapazes, naquele sentido que os jovens têm de se atraírem uns para com os outros, nas necessidades afetivas e físicas da idade.

Marília logo reconheceu na moça que lhes era daquela forma mostrada nas cenas, a própria Salomé, agora numa outra época e em outro corpo físico.

A visão da mesma causou uma reação forte na entidade, de muita revolta, dor e raiva, ódio profundo. Ele a via e a repelia com profundo rancor. No entanto, continuava assistindo as cenas, como se isto lhe fosse obrigado.

Aos poucos, outras cenas foram aparecendo.

Outra jovem, bem diferente da antiga Salomé, mais franzina, delicada, loira e de olhos azuis, magra e elegante, também surgia em meio aquela trempe de jovens.

Em meio aos rapazes, um se destacava, sempre cercado pelo carinho de todos, galanteado pelas jovens, que o buscavam atrair, seduzir, e se fazerem por ele amadas.

O jovem em questão, no auge de sua virilidade e formosura masculina, com barbas, bigode e cabelos pretos, demonstrava uma certa finura de trato, no contato com os demais, uma inteligência invulgar, alegria natural, e vivacidade e bondade no olhar.

Aos poucos os fatos demonstravam a atração do moço para com a moça loira e mais franzina e o arrebatamento amoroso da atual Salomé por ele, apesar de não lhe faltarem galanteadores, e pretendentes.

Uma paixão arrebatadora a envolvia de forma tão intensa que ela estava totalmente obcecada pelo desejo de conseguir o amor e atenção do mancebo a qualquer custo.

O nome dele, então era Frederico, o da jovem loira era Helga, e a atual Salomé chamava-se Madalena.

Além do triângulo que se formava, outro jovem se mostrava, sempre buscando a antiga Salomé, totalmente envolvido pelo imenso amor que lhe sentia, disposto a satisfazê-la nos mínimos desejos, a segui-la de forma quase servil, dominado por um sentimento profundo de atração e de amor desvairado.

Conquanto Madalena só tivesse olhos para Frederico, ela incentivava o amor do jovem Rodrigo, que era um pretendente jovem, bonito, inteligente, bem colocado socialmente, alvo da atração e cuidados de muitas moçoilas daquele grupo social. De sorriso cativante, maneiras aristocráticas, benquisto por todos, de uma alegria e espontaneidade

contagiante, era de se estranhar que Madalena não se sentisse pelo menos lisonjeada com a sua corte.

Com coqueteria ela fingia, diante de todos, interesse por ele, mas ardia mesmo de paixão devastadora por Frederico.

O tempo foi passando, em meio aos folguedos típicos daquela gente, com festejos, disputas esportivas, caçadas, bailes, encontros sazonais.

Madalena cada dia mais apaixonada percebia a inclinação do alvo de seu amor para com a jovem Helga, e sentia não apenas ciúmes e cuidados, mas um rancor e despeito da rapariga que atraía para si as graças do escolhido de sua alma.

Por mais que fizesse, utilizando todos os recursos à sua disposição, a influência de seus progenitores, o padre que aconselhava aquelas famílias, os servos e os amigos, Frederico não correspondia aos seus anseios de se tornar a escolhida para sua esposa.

Pelo contrário, com o tempo aquela que ela considerava uma sonsa, uma sem graça, sem atrativos maiores, no seu modo de entender, tornou-se alvo das atenções do moço

Mais algum tempo e o casal se aproximou, firmando diante de todos um compromisso, para constituir sua família.

Na propriedade do rapaz, servos e gente atilada na área das construções foram chamadas, e ergueu-se um lindo e acolhedor castelo, para abrigar os nubentes.

Madalena não se conformava. Sem dar-se conta do sofrimento que causava no jovem Rodrigo ela confidenciava-lhe seu desapontamento, seu sofrer, sua raiva e impotência, diante da escolha do jovem por quem se apaixonara.

Não adiantavam as palavras de carinho do jovem Rodrigo, nas juras e promessas que fazia, no seu carinho e dedicação a ela, que insistia em perguntar-lhe:

—Não sou eu mais bonita que ela? O que aconteceu para que ele a escolhesse? Estará sendo alvo de alguma conjura, de algum feitiço? Você não acha que eu tenho muito mais valor, sou muito mais inteligente e atraente do que ela?

Apesar da dor que aqueles comentários lhe causavam, Rodrigo ficava envolvido pelo sofrimento dela e respondia:

—Sem dúvida, deve ter ocorrido algum feitiço, porque você é muito mais bela, mais encantadora, mais atraente do que ela, que não tem a menor graça.

Aquelas afirmativas lhe faziam muito bem, porém não diminuía o ímpeto de dominação que envolvia a jovem.

As cenas vívidas mexiam profundamente com a entidade e mobilizavam também nossa medianeira, pressentindo uma tragédia que redundaria do sentimento possessivo, dominador e rancoroso de Madalena, frente a se sentir preterida, rejeitada mesmo.

Não valeram artimanhas, maneirismos, sedução. Frederico só tinha olhos para Helga, que também lhe retribuía o carinho de forma reveladora e sincera. Todos pareciam aplaudir aquela escolha e aquele novo casal, tão envolvido no seu amor, que não tinha olhos para mais nada.

Aquela sociedade aplaudia as escolhas de ambos, as famílias se rejubilavam e logo o enlace se deu, com o contentamento de todos, menos de Madalena, que jurou que eles não seriam felizes e que aquele homem teria que ser seu.

CAPITULO V - O RAPTO

Marília continuava vendo as cenas, como se estivessem ocorrendo ali, no quarto do hotel onde ficaria durante os dias do Congresso, naquela paradisíaca cidade litorânea do Nordeste.

Percebia que a entidade também assistia as cenas, sem poder impedir a continuidade das mesmas, por mais que tentasse não vê-las, ou que elas como que brotassem de seu íntimo pejado de tanto sofrimento, que ele queria ocultar, mas não conseguia, mercê de nossa intervenção e do choque anímico e magnético do qual estava sendo contido e subjugado.

Aos poucos, ambos viam, bem como nós, da equipe espiritual que estávamos dando suporte àquele encontro, para o esclarecimento necessário, o desenrolar da história antiga que levava aqueles eventos no presente.

Lá atrás, Salomé, profundamente envolta em revolta, rebeldia e ódio mesmo, viu a aproximação da família dos nubentes, a construção do novo lar de ambos, e sempre os encontrava nas festas da localidade, alvo que eram da admiração e do carinho de todos os que o conheciam.

Em pouco tempo as festas do casamento se deram, deforma até um pouco ostensiva, e foi muito aumentada. Altas autoridades eclesiásticas compareceram, dando aval ao matrimônio, devido a importância das famílias dos nubentes, que transbordavam de felicidade incontida, e Madalena, que agora estava encarnada como Salomé, quase adoeceu de tanto ódio, à vida, aos noivos, a todos. Rodrigo a procurava agradar, querendo que ela o amasse, desejando também minimizar aquele sofrimento. A aproximação entre ambos se deu, mas da parte da jovem não havia afetividade, gratidão, nada. Ela usava praticamente o amor que o rapaz lhe dedicava, para seus desabafos e para enredá-lo cada vez mais nos seus pensamentos cada vez mais obsessivos, maldosos e mirabolantes.

O casal, Frederico e Helga, não tardou muito tempo foi agraciado com a chegada de um menino encantador, muito parecido com ambos, que foi recebido por todos com amor e carinho.

Isto, contudo ampliou ainda mais a doentia fixação da jovem, enredando no mesmo ódio seu companheiro Rodrigo.

Quando a criança começou a trocar seus primeiros passos, uma ideia diabólica surgiu na mente da jovem que se considerava preterida.

E se ela raptasse a criança, se a matasse, sem que ninguém soubesse, o sumiço do rebento poderia causar a separação do jovem casal, e até mesmo levar à morte a frágil Helga, que ela odiava. Como desejava maltratar, levar ao sofrimento atroz aquela mulher que ela considerava lhe atravessara o caminho.

Tratou de enredar no plano o apaixonado Rodrigo, embora ele, a princípio refugasse aquele plano.

Aos poucos o foi convencendo com as promessas de um amor que jamais sentira por ele. Fascinado pelo que ele começou a considerar uma aproximação, um compromisso, um elo entre eles, o moço se deixou envolver. Em vão pô Plano Maior tentava mudar-lhe as disposições. Da mesma forma que a ideia fixa de Salomé em Frederico a levava, por sua má índole a confabular o ato criminoso, também Rodrigo passou a se fixar no amor que ela lhe prometia, se ele fosse cúmplice e até mesmo a gente de seu plano sinistro.

Passou a se aproximar do casal, a observar-lhes os modos, a rotina, os costumes, e planejar quando, onde e como haveriam de atingir o plano do rapto do pequeno Fritz. E após meses de observações, resolveram local, dia a hora e meios de realizar o crime, sem que ninguém desconfiasse dos autores do mesmo.

Rodrigo se disfarçou, acrescentando barba e bigodes falsos ao rosto, encheu as roupas, para parecer maior, mais robusto e se apresentou um dia como um comerciante em viagem, vendendo preciosidades nos castelos.

Deste modo, foi recebido no lar dos jovens e, fingindo ir embora, retornou e entrou por uma porta que era utilizada pelos servos, escondeu-se e, quando a ama brincava com a criança no pátio, atacou-a por trás, com um golpe, colocando-a desacordada e fugiu rápido saindo e levando a criança que nem gritou, sem perceber direito o que acontecia, rumando para a propriedade de Salomé, que o encheu de beijos e agradecimentos, tratando de aprisionar o pequeno nos calabouços da propriedade, da qual só ela tinha a chave, e dando a criança alimento com doses medicamentosa, que o colocavam quase que a maior parte do tempo a dormir.

Rodrigo não imaginava o que Salomé tinha em mente, e, sendo recebido finalmente nos braços dela, como amante, sentia-se num céu. Passou a acreditar que ela o amava e que merecia o auxílio que ele lhe proporcionara, pela humilhação e modo como Frederico a preterira, sem lhe dar o menor valor.

Marília não apenas assistia, mas sentia as dores que acicatavam o pretenso obsessor, revendo as cenas dolorosas de sua vida tão antiga, mas não se permitia envolver pela piedade ou deixá-lo escapar aquela catarse, àquela invasão de sua história, porque precisava saber, entender e descobrir como agir, naquela circunstância, mas lhe doía o sofrimento que percebia no espírito que ela reconhecia, como o Frederico naquelas cenas. Passaram a ver o desespero do casal, diante do sumiço do menino, da suspeita com relação ao negociante que haviam recebido em casa, e dos servos e milícias que saíram no encalço do provável raptor. O desespero em pouco tempo dominava o casal, e a moradia, bem como os servos e familiares.

Toda a sociedade local se mobilizou no tentame de descobrir onde estaria o pequeno Fritz.

Mas ninguém nas redondezas vira ou sabia sobre o falso comerciante, e a babá, inconformada por nem ao menos ter visto quem a atacara, também se culpava pelo desaparecimento da pobre criança.

Salomé e Rodrigo se uniram aos moradores do burgo, fingindo solicita ação, para encontrar o pequeno.

Os dias foram se passando e, no calabouço o pequeno chorava muito e definhava a olhos vistos. Salomé odiava a criança e percebia que o sofrimento, ao contrário do que pensara, ao invés de separar o jovem casal, ainda mais os uniu, apesar de definharem a olhos vistos

Rodrigo chegou a desejar e se iludir, achando que ela devolveria o menino, abandonando-o perto dos portões de casa, ou mesmo dentro da igreja, onde morava um pároco, e onde os nobres e aldeões, servos rurais iam as missas costumeiras.

Chegou a aventar a ideia, mas isto enfureceu a amante. Rodrigo já se arrependia, no fundo, de tê-la auxiliado naquele delito, mas não reagia às ordens dela, seduzido pelos relacionamentos que tinham e que o deixavam feliz, sem se dar conta do que realmente ocorria, e do envolvimento em que se via enredado.

Uma tarde, Salomé desceu ao calabouço, parecia enlouquecida. Tentara fingidamente se aproximar do casal, estar a sós com Frederico e oferecer-lhe seu amor, para compensá-lo da dor que sentia, mas ele a repelira com educação, mas surpreso com sua atitude. Salomé sentia-se sedutora, bela, quase irresistível, e não se conformava com a rejeição do homem que escolhera para ser seu.

Voltou ao seu palacete revoltada. Rodrigo saíra a ver algumas coisas necessárias à propriedade, ela dispensou os servos e desceu ao calabouço.

A criança solitária e medrosa estendeu-lhe os bracinhos, como se solicitasse dela algum carinho, algum conforto. Seus olhinhos estavam fundos, sua palidez se ampliara. Ele estava sujo e mal posto.

Salomé encheu-se de ódio, os olhos do pequeno lembravam o de sua mãe Helga:

—Pare de olhar para mim deste jeito. Você toma meu tempo, não tenho que cuidar de você, entende?

Como que possuía por uma loucura maior do que já demonstrara, ela deu uma tapa no menino e depois e empurrou com força.

A pobre criança nem teve tempo de chorar, de reagir, e caiu ao solo, batendo a cabeça na pedra dura, desmaiando.

Ao invés de se arrepender, Salomé se debruçou sobre o corpinho desfalecido e fechou-lhe os olhos, tapando a boca, e levando-o a dificuldade para respirar, até que ele veio a falecer.

Ficou ali, parada, como que abobada com o que fizera, meio petrificada, sem reação. As horas se passaram e Rodrigo retornou de sua incumbência, estanhando não encontrar na propriedade nenhum servo e mais ainda, ao procurar Salomé e não dar com ela, até descobrir que a porta que levava ao calabouço estava aberta, com a chave do lado de fora.

Ao descer as escadas se deparou com a cena trágica do menino morto no chão e de Salomé sentada a olhá-lo fixamente.

—Meu Deus! O que você fez, Salomé?

Ela, como se despertasse de um pesadelo o fitou com os olhos perdidos no espaço:

—Eu não queria! Juro que não queria! Foi sem querer, ele grudou em mim, não queria me soltar, eu só queria que ele parasse de chorar, de olhar para mim, de grudar em mim.

—Meu Deus! Agora já não o poderemos devolver, nunca mais. Temos que esconder o corpo e enterrá-lo. Onde estão os criados?

—Foram embora, Dei-lhes o dia de folga. Devem estar felizes, por ai.

—Venha Salomé. Deixa que eu cuido disto. Vou enterrar o corpo da criança na mata, perto daqui. Nunca o encontrarão e se encontrarem um dia, nunca ligarão seu desaparecimento a você ou a mim. Vá para seu quarto descansar.

Ela o olhou como que alucinada:

—Não me dê ordens, entendeu? Vou com você.

Rodrigo apanhou instrumentos rurais que serviriam para abrir uma cova. Buscou uma coberta e enrolou o corpinho que começava a enrijecer, deu-se conta de que ele estava mesmo morto, arrependeu-se do rapto, mas reagiu. Fora uma fatalidade. Salomé não fizera de propósito.

Tomou um cavalo e colocou o corpo na sela onde se sentou.

Silenciosamente, a jovem amante o seguiu.

Dirigiram-se para a mata virgem, para além das plantações e tomaram uma picada, deixando os cavalos presos a uma árvore.

Caminharam pela trilha e depois tomaram outro atalho, se embrenhando no mato, Rodrigo cavou um buraco mais ou menos fundo e jogou nele o corpo da criança.

Assim que terminou de enterrá-lo, Salomé começou a gargalhar sinistramente. Estava tendo uma crise terrível e foi a custo que ele conseguiu conte-la e levá-la de volta à propriedade, onde providenciou a ambos uma refeição e deu-lhe uma poção medicamentosa, que vinham dando a criança, levando-a a seus aposentos.

Logo ela dormia profundamente. Era como se nada houvesse acontecido.

CAPITULO VI - DESEQUILIBRIO E PERSEGUIÇÃO

Os dias foram se sucedendo e Salomé parecia totalmente alheia ao crime que havia perpetrado.

Agia como se não houvesse acontecido nada e Rodrigo passou a estranhar-lhe as atitudes, porque para ele o ocorrido lhe trazia remorsos atrozes, que ele procurava represar.

O jovem casal, que não conseguia encontrar o filhinho sequestrado, estava cada dia mais abatido e mais desesperançado, porém também estavam cada vez mais amorosos e unidos.

Todos que os conheciam se sentiam envolvidos pela tragédia, de algum modo. Os mais otimistas continuavam a procurar o menino e alimentavam as poucas esperanças.

Um belo dia de primavera, quando a natureza se mostrava mais e mais portentosa, com suas flores e seus pássaros, Salomé se aproximou carinhosamente de Rodrigo. Ele ficou feliz, mas se recordou que a última vez que ela estivera tão carinhosa, é que viera com a ideia do rapto do pequeno Fritz, e a história terminara do jeito trágico que ele não esperava. Ele sempre temia que encontrassem o corpo do garoto na propriedade, e que os quisessem envolver no caso. Por conta disto, havia queimado a barba e o bigode postiço junto às roupas com as quais se apresentara como comerciante em viagem.

Após alguns dias seus temores se confirmaram. Salomé, após uma relação mais intensiva, acabou por confessar que estava pensando em um novo sequestro.

—Não, Salomé, chega disto. Ainda temo que um dia descubram o corpo do menino, ou que alguém tenha visto ou suspeitado de algo e venha a referir a alguém.

—Você não me ama! Está sempre a me culpar de algo que foi uma fatalidade. Eu nunca quis matar o garoto. Que monstro você pensa que eu sou?

Ela se fizera de ofendida e de mal amada, de abandonada e incompreendida.

Aos poucos voltou ao assunto do novo plano que imaginava.

—Só quero tê-los sob meu controle, para provar que não se amam, como gostam de demonstrar.

—Para que isto, Salomé?

—Só para provar que eles não são quem aparentam.

—Não basta o sofrimento dos dois com o sumiço do menino? Chega, Salomé.

Com a negativa dele de colaborar com um novo plano, ela se afastou de Rodrigo, passou a tratá-lo com indiferença, a amesquinhá-lo.

Ele não podia suportar o pouco caso com o qual o tratava, e aos poucos foi se dobrando aos seus argumentos.

—Está bem, podemos sequestrá-los, mantê-los cada um numa cela diferente, sem se verem ou falarem, testá-los, mas nada mais. Terei de bolar um plano para que eles não saibam quem os raptou, onde estão. Não será fácil.

—Tenho um plano. Posso dar uma festa em casa, dopá-los. E aí, nem se lembrarão onde estavam e o que aconteceu.

Rodrigo pediu uns dias para pensar em algo, mas as ideias mais absurdas lhe vinham à mente, e acabou por achar que o único modo de raptar os dois seria convidando-os a vir em sua casa.

—Da forma como eles estão, não virão a nenhuma festa. Eles só saem, quando surge alguma pista do menino e correm atrás com esperança.

—Justamente. Vou promover uma reunião de todos os conhecidos, para fazermos uma força única, na tarefa de busca. Eles terão que vir, para nos dar as informações que têm sobre o ocorrido. Deste modo, saberemos tudo o que apuraram, eles e os outros, e fingiremos agilizar uma busca mais organizada.

Rodrigo não entendia como ela podia ser tão calculista e dissimulada, mas não encontrou novos argumentos para a impedir.

Deste modo, deixou-se novamente envolver pelo novo plano e a auxiliou nos preparativos, tendo comprado correntes e organizado o calabouço para os novos hóspedes.

Os servos estranharam e comentaram a movimentação na casa, mas, tal como durante o rapto e estadia da criança nada haviam percebido, também não atinaram com o plano sinistro que se aprestava.

Não demorou muito e logo todos os conhecidos e vizinhos da redondeza, que sofriam e oravam pelo encontro da criança, coisa impossível de se dar, recebiam os convites e visitas de Salomé, com seu cúmplice, que se apresentavam como se estivessem realmente interessados no descobrimento da criança.

O casal a princípio relutou em aceitar o convite, não apenas pelo combalimento em que se encontravam, como porque, de algum modo, não conseguiam confiar em Salomé, num pressentimento natural de suas almas.

Mas ela soube ser persuasiva, mostrando-se gentil, interessada, e cândida.

Com todo o empenho, preparou o ágape em sua mansão, em seu palacete, com os servos, quando a data finalmente foi marcada.

Salomé não cabia em si de felicidade. Ia, finalmente, ter os dois sob sua guarda, sob seu domínio.

Os dias foram se passando e Rodrigo tentava impedir o evento, ponderando com Salomé seus motivos, mas ela estava irredutível e ele se tornara um joguete, por seu desejo sexual por ela, e pelo amor que lhe sentia, doentio e arrebatador.

Salomé estava obcecada seu pensamento atribulado pelo desejo de ter o jovem Frederico a qualquer custo. Como o ser humano se perturba e se desgoverna, vai pelos trilhos da delinquência, do crime, quando se julga merecedor do amor alheio, dono dos outros, quando imerge pelo resvaladouro do egoísmo e da posse, fazendo com que as pessoas se tornem objetos de sua manipulação, de seu desejo, de sua loucura.

Como o ser humano resvala para o crime, apenas por pensar que o outro tem a obrigação de amá-lo, de o servir, de aceitar os ditames de seus instintos e de seus desejos.

Como o ser humano enlouquece, quando seu apego pelas pessoas se torna manipulador e doentio, violento e maquiavélico.

Era deste modo que Salomé administrava o sentimento que ela julgava ser amor, que sentia por Frederico, mas que era apenas um mórbido desequilíbrio, no sentimento de posse, domínio e mando. O amor é algo muito diferente do que ela sentia. É um sentimento de carinho, de admiração, de apreço, e o desejo da felicidade do ser amado, mesmo que ele não corresponda ao seu afeto. Aliás, ninguém é obrigado a amar ninguém, isto deve ser natural e espontâneo, e leva a pessoa que abriga este sentimento a se elevar acima dos interesses egoístas e imediatos. Salomé não sabia e estava mergulhando num abismo de maldade e obstinação, da qual entidades malévolas se aproveitavam, instigando-lhe ideias mais e mais perturbadoras.

Os amigos espirituais tentavam durante o sono e mesmo pelo pensamento modificar-lhe os projetos, mas ela não os ouvia, numa quase auto-obsessão, na fixidez de seus desejos irracionais.

Deste modo, a festa, ou encontro com os vizinhos e amigos, chegou a se realizar, num clima de amizade e consternação, da qual o casal se sentiu mais esperançado.

—Sei de um caçador de recompensas que está passando pela região, e pensei em que poderíamos contratar-lhe o serviço. Todos contribuiriam para que ele tivesse livre acesso, e até no pagamento de suas investigações. Contaram-me que ele tem tido muito sucesso em vários trabalhos que executou, solucionando casos intrincados de desaparecimento e de roubo. - comentou Nestor de forma a atrair a atenção e a concordância de muitos convivas.

—Quero ser a primeira a contribuir no pagamento de suas despesas. Acho a ideia brilhante. - assentiu Salomé.

—Conheci uma pessoa que trata e cria cães farejadores, que podem tentar encontrar o menino, somente farejando suas roupas. - falou outra jovem de família muito prestigiada na região.

Aos poucos cada um deu seu parecer, suas ideias e sua contribuição, todos aparentemente envolvidos com o sofrimento do casal, que tudo ouvia sentindo novas esperanças fluírem, confortando-os no duro transe.

Frederico informou que já havia contratado um dos homens caçadores de recompensas, mas que pouco pudera fazer e que estava justamente a procura de quem teria os cães adestrados para este fim.

As famílias se organizaram e distribuíram as tarefas.

Uma ficaria com a atribuição de angariar os recursos, embora Frederico quisesse dispensar aquele auxílio, outra iria contratar os cães farejadores e iniciar a busca, outra iria atrás do caçador de recompensa famoso e também sugeriram que saíssem a interrogar servos e moradores de toda a redondeza, para ver se alguém sabia de alguma coisa do sumiço do menino.

Tardes horas, Frederico informou que Helga estava muito cansada e pediu licença para se retirarem. Foi, neste momento, que Salomé apareceu com taças de fino cristal, para brindar ao sucesso da empreitada. Com graça, foi distribuindo os copos com os convivas e brindou:

—Ao sucesso de nosso empreendimento!

Todos levantaram as taças e brindaram, e também Helga e Frederico.

Com isto os convivas foram se retirando devagar.

Helga apanhou seu abrigo e ia saindo conduzida por Frederico, mas teve um mal estar súbito. O esposo, cheio de cuidados, a conduziu a uma poltrona, fazendo-a se sentar.

—Vou trazer a carruagem à entrada e virei buscá-la, nem que a tenha que carregar. - falou ele preocupado.

Frederico saiu e a jovem desmaiou na poltrona.

Salomé se aproximou com os olhos brilhantes. Rodrigo também:

—Você também o dopou? Então, porque ele ainda está de pé?

—Ele nem chegará ao portão. Dispense a carruagem. Diga ao condutor que eles já foram com outros convivas. Na certa o vai encontrar no caminho. Trate de levá-lo ao calabouço, sem o machucar. Depois venha buscar esta idiota.

Rodrigo fez exatamente o que ela mandou, admirado que o plano estivesse dando tão certo. Os servos, na cozinha tratavam de limpar a louça utilizada e não tinham ordens de vir a sala, ou a qualquer outra dependência do palacete. Deste modo, sem desconfiar, atendiam às suas atribuições e logo eram dispensados, sem se darem conta do que estava ocorrendo, bem debaixo de seus narizes. Obedeciam cegamente, com medo mesmo do modo autoritário com o qual Salomé os conduzia, e dos castigos que impingia a quem a desobedecesse, em quaisquer das ordens dadas.

CAPITULO VII - ASSASSINATO E SUICIDIO

Tudo estava ocorrendo exatamente como ela planejava, mas Rodrigo temia o que viria a seguir, embora não tivesse força para reagir às suas ordens. Estava mais do que cego de amor, estava como que fascinado, vampirizado, dominado totalmente pela jovem.

Marília via as cenas, admirada com o desvelar dos fatos do longínquo passado, e até um pouco penalizada com a entidade que lhe desvelava sua própria história tão trágica.

Era difícil acreditar que aquela jovem que a procurara, com seu médico, que ser revelara tão meiga e gentil, tão sofrida com o que lhe vinha acontecendo, fosse aquela outra mulher no passado, capaz de sequestrar e assassinar uma criança, sem nenhum momento de vacilação ou remorso, e mais, fazer o mesmo com os pais do menino.

A história continuava a se desenrolar diante dos olhos de Marília, a médium que prestava o atendimento e a entidade sofrida que a desvelava com tanta dor.

As cenas foram se tornando mais e mais dantescas. Víamos no quarto Madalena manipulando ferros em brasa, e objetos cortantes e macerando com eles, aos poucos o rosto da jovem Helga, depois, levando-a a ser vista pelo marido que amava, totalmente desfigurada:

—Olhe sua querida, não está linda? É isto que você ama?

Frederico tinha desejos de arrancar os grilhões que o aprisionavam, para poder resgatar a mulher amada das cruéis torturas que ele percebia lhe eram impostas:

— Sempre a amarei e somente a ela! - respondia cheio de sofrimento e raiva incontida. - Sempre a amarei e somente a ela!

Madalena ficava furiosa e lanhava diante dele o corpo frágil de sua prisioneira:

—Diga que me ama! - gritava possessa. -Diga que eu paro com o sofrimento dela.

Ele se calava, com muito esforço, apenas para não infligir ainda mais sevícias a esposa. Deduzia que seu filhinho estava provavelmente morto por aquela mulher, que os mantinha prisioneiros.

Suplicava por misericórdia, fazia perguntas sobre Fritz, apelava para Deus, prometia- lhe perdão se os soltasse.

Ao ver Rodrigo algumas vezes, tentava pedir-lhe socorro, mostrando que Madalena enlouquecera, mas o rapaz, embora não concordasse com o que estava presenciando, não via meios de impedir o que acontecia, totalmente manipulado por sua amante.

Aos poucos, vendo que nada conseguia torturando o casal, e seviciando Helga, Ela começou a ameaçar o esposo com maus tratos, por não atendê-la. Depois, aos poucos, foi seviciando-o, tal como fizera com a esposa.

Levava-os a encontrar-se, para que sofressem, ao ver os maus tratos impingidos a um e a outro. Eles estavam uns farrapos humanos. Marcas terríveis em ambos os rostos, desfigurados, com falta de tecido nas faces, cortes, cicatrizes, mas seus olhos marejados de pranto demonstravam amor um pelo outro. O amor entre eles não arrefecera, antes parecia aumentar.

Mal se alimentavam, só o fazendo para se manterem vivos, com a esperança de poder se manter vivos, com a esperança de fugir àquele pesadelo diário.

Rodrigo não aguentava mais olhar para eles, começava a se sentir um réprobo, um criminoso, e a imagem da criança que enterrara o perseguia, nos poucos momentos em que adormecia.

O que estava acontecendo fugia a tudo que ele pudera imaginar, e não via saída para aquele impasse. Não havia mais como recuar. Percebia que Helga estava, a cada dia, mais fragilizada e que desejava a morte, como única forma de fugir a tanto sofrimento. Sabia que ela não se mataria, porque, apesar do que estava passando, ainda acreditava em Deus. O pouco que falava era para declarar amor ao esposo e dizer que logo ambos estariam com o filhinho adorado, que ela já sabia morto.

Depois se calava e já nem reagia à dor dos golpes que Madalena lhe infligia. Rodrigo pedia-lhe que parasse com aquilo.

—Não vê que é tudo inútil? Eles se amam e sempre se amarão. Desista de continuar com este suplício.

—Eles se dobrarão! Eles se dobrarão! - insistia Madalena obcecada.

Os dias foram se passando e a comunidade procurava desesperadamente pelo casal. Tinham dado continuidade à busca do menino, por conta própria, mas agora também pelos pais da criança, surgindo boatos desencontrados, envolvendo magia negra, o demônio e o ocultismo nas hipóteses de explicação do sumiço dos três.

Madalena fingia participar das buscas e continuava as sevícias. Rodrigo já não a reconhecia com os mesmos olhos apaixonados com os quais a seguira como uma marionete. Jamais imaginara tanta selvageria. Reconhecia que, embora a amasse, jamais faria o que ela estava fazendo por amor ou ódio, a quem quer que fosse, mas era um cúmplice e não tinha como voltar atrás.

Após mais umas semanas, Helga sucumbiu a tanto sofrimento. Seu espírito foi resgatado e pode rever o filhinho, minimizando seu sofrer, e voltando-se para o amparo ao seu amado.

Quando Frederico viu o corpo de sua esposa sem vida, sentiu como se um punhal lhe houvesse sido cravado no peito. Deu um urro de dor e seus olhos vermelhos, no rosto sofrido fitaram Madalena de uma forma que ela jamais esqueceria:

—Jamais a perdorei! Hei de me vingar, nem que para isto tenha que descer aos infernos! E a você também! - prometeu fitando Rodrigo, que estremeceu, sentindo a carga pesada do sentimento que haviam semeado em seu espírito milenar.

Rodrigo jamais esqueceria aquela promessa, que o haveria de perseguir através dos séculos.

—Você é o único culpado da morte dela! - respondeu Salomé. -Se houvesse me amado nada disto teria acontecido!

A maneira de pensar da jovem torturadora era de total loucura e desequilíbrio.

Parou de torturar Frederico, e começou a tentar fazê-lo sentir-se mais confortável. Arranjou-lhe roupas limpas e adequadas, trazia-lhe as refeições com carinho.

Ele, contudo, negou-se também a comer e nada mais disse.

Sua indiferença diante dos fatos mostrava o quanto ele mergulhara no sofrimento, e como estava desistindo de viver, já que nada mais lhe importava no mundo.

Foi sucumbindo. Suas forças arrefeciam, sua pele foi ficando mais e mais macilenta, encovada, as mãos pareciam esqueléticas, e ele quase nem se movia mais.

Simplemente não reagia, mas quando via Rodrigo e Salomé, seus olhos disparavam chispas de ódio insano.

—Ele vai morrer, assim! - dizia Salomé em desespero, pedindo ajuda ao amante e torcendo as mãos em desespero.

—O que você esperava, Salomé? Devia ter imaginado que isto aconteceria.

—Eu não queria isto! Eu não queria isto! - falava ela alucinada. - Você precisa entender! Eu não queria!

Tudo estava tão sórdido e incontrolável que Rodrigo não tentava mais fazê-la raciocinar.

Não demorou muito e Frederico entrou em estado de inanição total e foi apagando como uma vela que chega ao fim.

Ao morrer, contudo, não buscou a companhia da esposa e do filhinho, ficou ali, vagando, tentando executar sua vingança contra seus algozes.

Helga o tentava resgatar, bem como o pequeno Fritz em vão. Ele não lhes registrava si quer a presença, não os via, não desejava star com eles, não se recordava dos sentimentos piedosos e religiosos com os quais fora criado. Nenhuma entidade o podia socorrer, naquele duro transe. Seguia Salomé e Rodrigo como se lhes fora a própria sombra, instigava-os ao ódio que sentia, tentava colocar um contra o outro.

Rodrigo já enterrara ao lado da criança o corpo de Helga e tratou de fazer o mesmo com o corpo de Frederico.

CAPITULO VIII - MAGIA NEGRA

Marília, ao ver as cenas, pensava em que os desenhos de Salomé eram exatamente a revelação de seus crimes. O túmulo em meio ao mato, os rostos lacerados pela tortura do homem e da mulher, que não eram outros senão Helga e Frederico, e a escrita antiga, numa língua semelhante a nórdica, onde se dera os fatos, numa época bem longínqua eram as lembranças menomênicas da jovem, que vinha apresentando o fenômeno raro do aparecimento das agulhas.

Pensou, então, que recursos usaria o espírito que se acoplara a ela, e do qual estavam vindo aquelas revelações terríveis, para materializar no corpo de Salomé as tais agulhas, que eram obrigadas a ser retiradas, através de cirurgia pelo facultativo.

Ao pensar nisto, era como se tivesse acionado algum outro dispositivo mental no espírito, que passou a lhe referir, tal como nas imagens do passado, suas verdades, seus arquivos, sua história.

Marília passou a ver a família de Ramiro, diante do nascimento do pequeno Rodrigo, a visitar locais onde o conhecimento mediúnico era direcionado para eventos diferentes daqueles em que nos atínhamos. Marília viu uma mulher, relativamente jovem, conhecedora de algum conhecimento mediúnico, que lhe fora passado por seus ancestrais, dialogando com a mãe de Ramiro:

—Se a senhora quiser, posso, com os recursos que disponho e os espíritos que me assistem, fazer com que Salomé sofra pelo que fez, tendo esta criança. Ela vai chorar lágrimas de sangue e ninguém ficará sabendo o que lhe causou as dores que virão. Afastarei ela definitivamente do caminho de seu filho. Claro que terei que usar meus recursos, e comprar algumas coisas, e isto a senhora terá que pagar.

—Quanto me custará este trabalho? - perguntou a senhora.

—Não será muito, pelo benefício que receberá em troca.

O preço foi acertado e não era tão ameno assim, e a senhora se foi, sem perguntar o que a outra faria ou como, porque sabia que a resposta não lhe seria dada.

A seguir, Marília passou a ver o trabalho em si.

A mulher, incorporada por uma entidade a que servia e que também a atendia, passou a cantar em língua estranha e antiga, africana.

Vestida com roupas rituais coloridas, tomou de um e mais pacotes de agulhas de alfaiate, que são muito pequenas, e foi abrindo-os. Cantando, ia pegando as mesmas e com um alicate cortava o local por onde a linha teria que passar, jogando fora a parte de cima das agulhas e dizia algo, em seu linguajar exótico, que Marília percebeu que significava.

—Assim como essas agulhas não mais seguirão a costura, nem levarão a linha, estas agulhas ficarão onde eu decidir e não serão retiradas, a não ser por quem possa vê-las, através de cortes e suturas.

Uma fogueira fora acesa com achas de lenha, onde ela atirara as “cabeças” das agulhas, a parte com os furos, e ela gargalhava e dançava de forma extravagante e selvagem, ao redor da mesma, continuando a cantar.

Sua dança era cada vez mais e mais vertiginosa, e ela girava como um pião alucinado, de tal forma, que era difícil entender como não caía.

Orientada por nós, Marília dirigiu-se a entidade, procurando espicaçá-la: Isto porque a doutrinação, ainda que seja feita com amor, quando o doutrinador está ligado ao seu mentor, tem nuances diferentes, no sentido de conduzir a entidade a novos cometimentos, a novas atitudes e conclusões.

Às vezes é preciso acolher a dor dos sofrendores, aliviá-las, de outras é mister, como naquele caso, mergulhar fundo nos motivos e meios utilizados pelo pseudo obsessor, para entendê-lo e poder deste modo auxiliar, e de outras, como nos casos de mistificação, é preciso desmascarar a entidade, demonstrando que ele não está oculto, nem seus recursos e motivos, que lhe são desvendados.

Era o que ocorria naquele momento, e obedecendo nossa orientação Marília falou a entidade, apesar da grande comiseração que sentia:

—Com que, então, você não é tão poderoso quanto quis me mostrar. Precisou de uma reles feiticeira e do pagamento da mãe de Ramiro, para colocar as agulhas no corpo de Salomé.

Suas falas provocaram nele a reação esperada por nós. Ficou furioso e tentou soltar-se das mãos que o seguravam, sem, contudo, conseguir. Ela continuava a bombardeá-lo com vibrações de amor, num choque anímico que o ia aos poucos desarmando, diminuindo sua energia.

—Você não sabe o que diz. Usaria todos os recursos na minha vingança. Deve perceber, isto sim, que tenho razões de sobra para intervir.

Ele, de certa forma, tinha razão, mas Marília cortou-lhe o arroubo.

—Não desdouro seus motivos. Mas parece-me que a história não parou com sua morte. Gostaria de ver todo o périplo de sua atuação.

Como se ela lhe direcionasse o pensamento e este direcionasse as cenas, começou a ver o palácio da antiga Salomé, e da sequência dos trágicos eventos.

Frederico morrera, mas passou a atuar de forma sistemática e perene, para não dar sossego aos dois algozes.

Rodrigo e Madalena viviam às turras. Um espicaçava o outro, um cobrava do outro atenções e culpas.

A vida de ambos, aos poucos, passou a ser um inferno de brigas, desavenças, acusações.

Ambos ficaram desleixados com a aparência, passaram a consumir bebidas alcoólicas, sempre instigados por Frederico, que não lhes dava descanso, estivessem acordados ou dormindo.

Da bebedeira, Rodrigo passou às alucinações, em que via as cenas do passado recente, e que o perseguiam e também a visão da antiga vítima, Frederico, a ameaçá-lo.

Daí a perda de controle foi um pulo, como dizem.

Passou a exigir de Salomé atenção e carinhos, que ela não desejava lhe dispensar.

Fez-se ciumento e incômodo. Chegava às vezes a ser violento, mas ela o continha, ora com carinhos, ora com acusações e reprimendas.

A vida de ambos se tornou um caos insuportável. Salomé tinha arroubos em que parecia ver Frederico e lhe dirigia pedidos e confidências, em declarações de amor absurdo, que despertavam ciúmes em Rodrigo.

Os servos passaram a ter medo dos dois, que mal saiam de casa e comentários circularam entre os conhecidos.

Eles se isolavam de tudo e de todos.

Passou-se um ano e depois o outro, até que um dia, num ataque de ciúmes, Rodrigo enganou a mulher por ele tão amada, e, em seguida, enlouquecido, se matou com um punhal.

CAPITULO IX - REVELAÇÃO AO OBSESSOR

Quando as cenas terminaram, Marília me perguntava mentalmente como conduziria o resgate do espírito de Frederico.

Embora ele houvesse consumado sua vingança contra os dois, ainda naquela vida, porque ele jamais os esquecera, como os reencontrara, e porque estava intervindo da forma como vinha fazendo? Como conter-lhe a ira? Onde andariam Helga e o filho perdidos?

Diante de seu questionamento mental, envolvi-a totalmente, utilizando sua voz para falar a entidade, momentaneamente aprisionada ao nosso campo magnético:

—Então você se vingou, finalmente, pelo que me mostra, não é mesmo? Porém nem assim sentiu-se pago ou confortado pelo sofrimento que ambos causaram a você e aos seus. Reencontrou a antiga Madalena, quando ela engravidou de Julinho, o antigo Rodrigo que você perseguia no Plano Espiritual, e só não pode vingar-se imediatamente, porque entidades amigas o impediram. Queria novamente matá-los, como outrora, e, se possível, submetê-los ao seu domínio, mas sinto lhe informar, que dificilmente continuará neste tentame. Creio mesmo que não desejará mais fazê-lo.

Percebendo que não falava mais com nossa medianeira, mas comigo, que o envolvia em profunda emanção de amor, ele retrucou:

—Quem é você porque se intromete, tentando salvar dois criminosos? Até Deus, se me ouvisse, me daria razão e até me ajudaria.

—Feliz ou infelizmente, como você quiser, Deus está sempre intervindo pelo melhor, como no seu caso. Onde estão a mulher e o filho amados? Você perdeu o contato com eles, mas somente isto lhe daria a tranquilidade e a paz que deseja no fundo.

—Nunca os procurei. Se Deus os apartou de mim, sufoquei qualquer desejo de revê-los, ao longo destes séculos. Firmei minha vontade apenas na justiça que precisava fazer. Prometi que eles não teriam descanso e não terão, nem que isto me leve ao Inferno, mesmo que eu perca minha alma!

Sentíamos e compreendíamos sua revolta e suas razões. Não iríamos discutir com ele seus motivos, nem poderíamos, naquele momento, apelar para sentimentos mais nobres como o perdão. Quantas vezes nos deparamos com estas tragédias pessoais e coletivas, tão tocantes, que o raciocínio, a lógica não podem superar, nem o amor tocar

de algum modo. Mas eu tinha, com nossas equipes, informações que escapavam a Frederico, Informações que eu precisava, naquele momento, passar-lhe da forma mais amorosa possível, para que pudesse intervir a favor dele mesmo, naquele momento e lhe disse, passando mentalmente a informação a Marília, que ficou estupefata com os dados novos que eu lhe trazia:

—Trago-lhe a libertação de seu sofrimento atroz. Trago-lhe de volta sua esposa tão amada.

Devo lhe informar que ela, tão logo veio a falecer, naqueles longínquos anos, buscou o filhinho amado, Fritz, e se reintegrou no amor de ambos, passando, desde então, a trabalhar, no sentido de também aliviar-lhe o sofrimento. Tem tentado de todas as formas possíveis atenuar ao menos as dores que sente por si, por ela e pelo filhinho adorado, sem, contudo, conseguir nada.

Desde modo, resolveu-se a suplantar tudo para resgatar a ambos deste sofrimento terrível, com uma atitude de renúncia admirável, que nem o sábio mais erudito ou elevado poderia imaginar. Ela se alçou tão acima de toda a tragédia, que concebeu um perdão dos maiores que jamais assisti em tantos milênios.

Espicaçado por mim, o amor que ele sentira pela esposa e pelo filhinho explodiu no espírito comunicante e ele mal podia conter a emoção:

—Não quero que ela me veja na situação miserável em que me encontro, mas fala-me dela.

Todos envolviam Frederico com profundo amor, para que ele pudesse receber a informação que eu lhe trazia. Continuei, pois:

—Helga perdoou Rodrigo e Madalena. Perdoou-os, aceitando tudo pelo que passaram, pensando em auxiliar a ambos em novas oportunidades.

—Perdoou? Perdoou como? Ah, meu Deus, ela sempre foi a bondade em figura de gente. Mas perdoar aqueles facínoras, que nos destruíram sem motivo? Perdoar como e porquê?

—Perdoá-los da forma mais pura e profunda possível, de uma forma até sacrificial, que vou lhe mostrar agora.

Todos nós concentrados, lançávamos a Frederico a verdade, em cenas impactantes.

Sua querida Helga, não podendo conceber a antiga Salomé, pelas discrepâncias vibratórias entre ambas, aceitara ser mãe adotiva da jovem, abandonada pela mãe biológica, que não a podia cuidar.

Programara aquela encarnação de renúncia e sacrifício, para modificar as disposições da antiga algoz, e recebê-la como filha e ao seu amante, o antigo Rodrigo, como neto, para cuidar, amar e encaminhá-los a própria redenção, também visando, com isto resgatar e encaminhar seu antigo amor, Frederico.

Frederico via as cenas da presente vida de Salomé, e sua mãe adotiva e reconhecia na senhora prestimosa e dedicada seu antigo amor, Helga.

Como não percebera isto antes? -inquiria mentalmente.

Recebendo o choque provocado por aquela revelação que ele sabia verdadeira, teve uma reação de perplexidade:

—Como ela pode, meu Deus? Como ela fez isto? Por que ela abandonou-me e aos meus projetos de vingança?

—Ela o fez por você, para resgatá-lo do ódio. Sei que não conseguirá mais perseguir Salomé, porque se a fizer sofrer a ao Rodrigo, estará indiretamente fazendo sofrer a mulher amada há tantos séculos, e sabemos que não quer isto, que não conseguiria continuar, pois a atingiria indiretamente através de sua ação.

Frederico chorava copiosamente, como um militar que tivesse perdido uma guerra, pela qual se empenhara com todas suas forças, com sua razão e sua persistência.

Todos estavam sensibilizados com os sentimentos que o assaltavam. Ele se sentia derrotado, não tinha mais como continuar.

O envolvemos com todo amor que podíamos e o levamos conosco, para o Espaço Sideral, para novas programações, em que seria filho biológico de Salomé e neto de seu antigo amor. Nós já sabíamos das decisões de seus mentores, mas ele talvez tivesse uma encarnação compulsória, sem poder se lembrar das resoluções, por lhe serem muito dolorosas.

CAPITULO X - DIA SEGUINTE - SOLUÇÃO

No dia seguinte, chegando ao Congresso, com muitas pessoas querendo falar-lhe Marília foi procurada novamente por Salomé, sua mãe e Dr. Sílvio.

Antes que eles falassem qualquer coisa, ela pontuou:

—Estou muito feliz, porque trabalhei durante horas com meus mentores, e posso lhes afirmar que Salomé está livre da perseguição que lhe moviam. Ela não terá mais agulhas no corpo.

—Graças a Deus! - deixou escapar a mãe com lágrimas nos olhos.

Para nossa medianeira que conhecia a história antiga daquelas pessoas, o carinho exarado pela antiga vítima da jovem era algo sublime, mas ela não poderia comentar nada.

Voltando-se para Dr. Sílvio, que esperava alguma outra explicação, ela continuou:

—O senhor trouxe as agulhas?

Diante do sinal afirmativo dele, que abriu sua pasta, retirando dali algumas caixinhas pequenas, antes que as abrisse e mostrasse, Marília falou:

—Não as mostre ainda. Apenas confirme. São agulhas pequenas, agulhas conhecidas como agulhas de alfaiate, e todas, sem exceção, tiveram a parte onde se passa a linha, a cabeça, digamos assim, cortadas, não é verdade?

O médico ficou admirado da afirmação e disse:

—Sim, Isto é verdade. As agulhas são todas iguais, pequenas, e com a parte de enfiar a linha cortadas. Como sabe disto?

—Acessamos o arquivo da entidade que promovia a perseguição e, diga-se de passagem, que ela possuía todos os motivos inimagináveis, para fazer o que fazia. Porém, utilizou os recursos de uma pessoa encarnada, uma feiticeira, digamos assim, para poder agilizar os recursos indispensáveis, para atingir seus fins.

—Que bandido! - deixou escapar a mãezinha.

Marília olhou-a e respondeu:

—Eu não diria isto, se fosse a senhora. Não posso entrar em detalhes, mas como o agente do caso se afastou espontaneamente, percebendo coisas que lhe diziam respeito e que não posso referir. Podemos afirmar que as agulhas não mais aparecerão no corpo de Salomé.

Todos foram, de alguma forma, beneficiados. Mister vigiarmos nossa conduta sempre, a fim de não atrair para nós os problemas que nos buscam.

E dirigindo-se ao médico:

—Pode me mostrar as agulhas agora.

Dr. Sílvio foi abrindo uma a uma das caixinhas, onde se viam várias agulhas em cada uma, colocadas em chumaços de algodão. Cada caixinha daquelas era uma cirurgia que tivera que ser feita, para retirar os objetos causadores do sofrimento da jovem.

Marília já ouvira referir tais casos, mas nunca imaginara que se veria as voltas com algo daquela magnitude, e mais, nunca pensara em aprender tanto em apenas alguns dias.

Importante é que pudera interferir, com nossa ajuda em pouco tempo e encaminhar alguém muito sofrido, revoltado, e que tinha motivos de sobra para agir como vinha agindo.

Meditou na responsabilidade da mediunidade bem direcionada, lembrando da mulher dançando freneticamente, e executando com seus mentores e seus conhecimentos o trabalho de magia que redundara nos efeitos prejudiciais a Salomé e sua família.

Pensou nas malhas que envolviam mãe, filha e neto, e sentiu-se feliz pelo desfecho benéfico em tão pouco tempo.

Contudo, sentia ainda vir da jovem mãezinha energias feitas de violência e desejos incontrolláveis, e teve receios que o futuro reservasse algum tipo de cobrança a Salomé, seu filho, e todos aqueles que ao longo das vidas sucessivas tivessem tido algum contato pernicioso com ela.

Seus receios não eram infundados.

Salomé se livrara do tormento causado pelas agulhas, era jovem e, no decorrer de seu futuro teve oportunidade de conhecer e se apaixonar por outros homens, além de Ramiro, que lhe fora tão desonesto, inconsequente, mas após anos de idas e vindas, ela teve mais dois filhos.

Seu menino faleceu antes dos dez anos, vítima de uma queda, diagnosticada a morte por traumatismo craniano.

Teve outra criança que nasceu com problemas físicos, e que submetida no primeiro mês de vida, ao engessamento das duas pernas, teve uma trombose e faleceu e uma menina que durou algumas horas.

Naturalmente a vida lhe trazia ao caminho a cobrança dos crimes ocorridos há séculos, e os cúmplices e vítimas de seus desmandos.

Caso incrível de desobsessão, com seus meandros particulares e dantescos, o caso de Salomé nos trouxera lições fantásticas, e a possibilidade de intervir e aprender, auxiliando, de algum modo, a justiça divina e o esclarecimento de algumas entidades.

Sempre oramos para que Salomé e sua família reencontre o equilíbrio e a felicidade, e que Deus tenha pena dela e de seus comparsas.

CAPITULO XI - FECHAMENTO

O que podemos acrescentar, ao término de mais um trabalho, de esclarecimento e elucidação, a todos aqueles que nos acompanharam a história verdadeira, com todos seus lances dramáticos até aqui?

O que se pode ressaltar, senão a responsabilidade dos centros espíritas, dos doutrinadores, dos médiuns que trabalham nesta condição de auxiliares da Espiritualidade, na busca de soluções e de encaminhamentos, a todos envolvidos, encarnados e desencarnados, nas tramas que se sucedem?

Como podemos esclarecer que todos estamos unidos no mesmo campo de ação, e que o soluço de um hemisfério repercute em outro?

Como dizer aos espíritas e não espíritas, que somos, de alguma forma, partícipes das questões particulares, e coletivas, dos governos e das nações, da política e dos desmandos do poder, da falta de ética e moral, que temos o dever de transmitir as gerações futuras?

Como dizer que nossa luta milenar prossegue, sem limites, e que nem sempre podemos contar com aqueles mesmos que discursam, com vozes impostadas e melífluas, de maneira até brilhante e convincente, mas que na verdade não trabalham por um Mundo Melhor, envolvidos nos mesmos interesses mesquinhos, de quantos se transmalham nas lutas de poder, fama e dinheiro?

Eles entram no movimento espírita, dominam as entidades pequenas e grandes, direcionam a ação de forma particular, mas nunca deixaram que o Espiritismo ou a Doutrina dos Espíritos, entrasse em suas consciências e ali fizessem a transformação interior de sua evolução.

Pobre orbe terráqueo, tão azul, tão lindo e perfeito, neste momento de transição planetária, demarcado com o assassinato de Itsazk Rabin (LEIA O LIVRO SEM TEMPO PARA CHORAR, LANÇADO EM 1993 PELA EDITORIAL ESPÍRITA RADHU), pobre Terra, nas mãos dos mentirosos e dos ignorantes, que enxameias pelo território mundial.

Pobres seres humanos comandados por uns poucos, que só visam seus interesses, e ainda mais, trabalham para que o mal domine a terra, em todos os seus quadrantes.

Como elucidar estas mentes impermeáveis ao bem, ou zumbilizadas por líderes falsos e até agindo mal, pensando estar agindo bem?

Como acordar a mole humana para sua realidade imperecível e sua responsabilidade milenar?

Como mostrar-lhes com clareza os desmandos que apoia ou exerce, e a cobrança que lhe será feita por tais atitudes?

E estamos agindo, organizados e unidos, após milênios de estudos e dedicação, na Pátria do cruzeiro e fora dela, Para que Jesus realmente implante seu Evangelho na face do planeta

Por mais difíceis sejam as provas a que somos submetidos, por maior que seja a solidão que experienciamos, em meio ao caos que se instalou no planeta, por mais tristes os cenários que vemos e as ações vis que sabemos, por mais isolados que nos sintamos muitas vezes, constrangidos ao perdão incondicional a quantos perpetuam o mal, em Jesus encontramos as lições eternas que nos direcionam, lembradas por Allan Kardec, cujos estudos foram substituídos por outros, à moda de cada um que aparece,

Dizem que não há nada de novo sob o Sol, e revendo o périplo de nossa caminhada, reconhecemos que assim é.

Mas prometemos jamais desistir do bem, em hipótese alguma, e a cada ser recuperado, a cada pessoa auxiliada, a cada nova lição aprendida, declaramos nossa gratidão e renovamos nossos votos de luz, de fé, de paz e de amor.

FIM